

Freud e o método psicanalítico*

Fabio Herrmann**

Preâmbulo

Em 1989 comemorou-se o cinquentenário da morte de Freud. Agora, em 2006, o mundo comemora os 150 anos de seu nascimento. Daí a idéia de publicar este texto inédito de Fabio, escrito como subsídio para sua conferência de 89 no ciclo, então organizado pela SBPSP, de homenagem a Freud. Acolhida pela equipe editorial da revista *ide* em maio, seguiria o trabalho de Fabio de revisão do texto e da elaboração de uma introdução brincando com 50 *versus* 150, aparecimento e desaparecimento – de Freud e do método da Psicanálise. Mas não foi possível cumprir esse projeto. Inexoravelmente a morte nos levou Fabio, e com ele tudo o que ainda nos poderia dar. Mas ficou seu pensamento, sua ironia propiciadora do desvelamento ou aletéia da construção do saber psicanalítico que a rotina do fazer clínico acabou por encobrir. Disso é exemplar o texto de 89 que segue. Esta publicação de 2006 tem agora o destino de um tributo a Freud pela criação do método da Psicanálise e uma singela homenagem ao Fabio como o pensador da Psicanálise contemporânea. Oxalá os desaparecimentos contribuam para a comemoração dos aparecimentos.

Leda Herrmann

É cedo, é demasiado cedo para uma celebração freudiana. Fixa-se o que se celebra: uma festa pátria, a Quaresma, o dia do Trabalho. E, como nos ensinou Freud, o ponto onde se fixou o desenvolvimento, qualquer desenvolvimento, nos atrai constantemente depois; voltamos a ele pela repressão, e lá ficamos cativos, repetindo-o como sintoma.¹ Celebração é a forma sintomática social do esquecimento seletivo. Celebração não é memória, mas esquecimento específico e impostura disfarçada. Quantas vezes celebramos recentemente a vitória sobre a inflação? Ora, para esquecer Freud, basta crer em sua obra. Todo autor ensina como fazer para esquecer-lo, pois toda obra contém sua própria traição. Na obra de Freud, o ponto de esquecimento é o conjunto de conceitos fundamentais – o complexo de

Édipo, a castração, a resistência, a sexualidade infantil etc. –, quando enunciados como conhecimento adquirido e determinante da prática clínica ou da investigação teórica. A clínica e a teoria se pretendem freudianas então, mas, não sabendo criar como Freud, crêem em Freud, pois só o criador conhece a precariedade de sua produção. O seguidor afirma com ênfase específica precisamente os pontos mais discutíveis da obra-mestra, aqueles em que, por suas dúvidas, o autor mais insistiu: quem não cria, crê!²

Não podendo ser Freud, posso ser fraude, celebrando o cinquentenário de sua morte, afirmando que sua obra é substantiva e eterna. Em vez disso, talvez possa recordá-lo, fazer com que Freud retorne através do coração da clínica que inventou, da história que inaugurou. Então Freud não mais será substantivo e sim verbo, verbo vivo. Conjuga-se o verbo freudiar na forma ativa, presente, indicativa e de preferência na primeira pessoa do plural. Estamos aqui reunidos para não falar de Freud, mas para fazê-lo falar através de nós. Serão onze autores vivos que me seguirão neste ciclo falando de suas obras freudianas, não-freudianas ao mesmo tempo. Autores brasileiros e estrangeiros: Donald Meltzer, Otto Kernberg, Paulina Kernberg, Zeljko Loparic, Osmir Faria Gabbi Jr., Joseph Sandler, Paulo Cesar Souza, Renato Mezan, Sérvulo Augusto Figueira e Peter Gay. Cada qual falando sua língua, sua variedade idiomática da Psicanálise. Na verdade, é sempre bom recordar, a Psicanálise não possui uma língua original; não é esta o alemão, não é o francês, nem o português, o inglês ou o espanhol; tampouco é o lacanês, o kleiniano, ou o *self-psychologies*. A idéia de uma língua primordial não nos é de fato estranha. Na cabeça dos analistas que se autoconsideram pertencentes a regiões periféricas do mundo psicanalítico, ela é a língua do centro a que desejariam pertencer e que imitam. Hoje, para alguns é o francês, para outros o inglês. Até mesmo na obra de Freud faz-se menção a uma língua primordial, a uma *Ursprache*. Cabe mencionar, porém, que a autoria dessa idéia não é propriamente de Freud, do

primeiro e melhor dos psicanalistas, mas de Schreber, do paranóico genial; e que, além dele, só Deus a domina, por especial concessão. Assim, estamos aqui iniciando um ciclo de pensamento vivo, que comemora os cinquenta anos do nascimento de Freud dessubstancializado, os cinquenta anos da libertação da obra da carne do autor. A isso chamaria comemorar, isto é, “lembrar junto com”³ “com/memorar”: estamos aqui para recordar a Psicanálise.

Por isso, imagino, fui convidado hoje a falar-lhes do método psicanalítico. De certa maneira, equivale isso a dar a palavra a Freud, que, pela invenção do método, criou-nos como psicanalistas. A investigação do método da Psicanálise tem sido minha forma de ser psicanalista freudiano, não-freudiano. Faz exatamente vinte anos, foi no primeiro semestre de 69, que propus meu argumento fundamental sobre o método psicanalítico, num texto chamado “O Campo e a Relação”. É sempre cedo demais para assumir o ar ridículo de autocelebração; mas não é demasiado cedo, quem sabe, para recordar-me junto com vocês dos destinos que seguiu essa reflexão metodológica até hoje, sobretudo porque, aos poucos, o argumento de vinte anos transformou-se também em uma espécie de posição diante da Psicanálise. Posição é coisa perigosa, é a forma da vida feita idéia; preconceitos são posição, por exemplo. Para ser válida, uma posição tem de ser clara e explícita. Tentarei, portanto, uma reavaliação precoce dos destinos de meu argumento metodológico, pesem dois riscos evidentes: primeiro, o de repetir muita coisa que já lhes tenha dito, estando de volta a meu lugar mais costumeiro; segundo, o de não conseguir ver de fora o que para mim é essencial e interior. De qualquer forma, antes mesmo de saber como me sairei do encargo, desejo agradecer de coração a oportunidade que me concedem vocês, com sua presença amiga, de refazer-mos juntos um pensamento comum – pois quem pensa só chega a pensador na reflexão de seus companheiros.

1969-1979

“O Campo e a Relação”, escrito em 69, apenas tornou-se público em 79, com a edição do primeiro livro dos *Andaimes do Real* – no meio-tempo, foi objeto de uma pequena apresentação na Sociedade, quando de minha passagem a membro associado, em 76. Todos queremos imitar Freud. Nesse caso, porém, creio mais que se tratou de um isolamento nada esplêndido, sequer brilhante, antes penumbroso, na meia-luz que cabe em geral ao pensador brasileiro. Quanto deve aparecer o autor latino-americano, brasileiro; quando pode aparecer o candidato de um Instituto psicanalítico? Institutos, cursos alternativos, grupos informais sobrevivem através de um compromisso: o pensamento psicanalítico é tabu, isto é, existe por não ser tocado. O grupo sustenta-se num suposto básico a ser juntado talvez aos propostos por Bion: o que pensamos é nosso,

porque não é, é a transmissão máxima possível do gerente, que nunca deve ser esgotada pelos gerenciados, sempre um pouquinho atrás, como ele está um pouquinho atrás do Autor que copia e transmite. Nenhum membro deve igualá-lo no conhecimento autorizado, se não forma-se outro grupo, dissidente e idêntico. A verdadeira proibição, no entanto, é outra: a de pensamento original, pois este – e não o anterior – corrói os fundamentos grupais. Nossa Sociedade está hoje tentando deixar de ser assim, como vêem, assimilando o pensamento vivo e original, conquanto incerto e provisório de autores vivos.

O argumento

Voltemos, porém, ao argumento metodológico de “O Campo e a Relação”. Em essência é simples. Da mesma forma que um jogo não adquire sua especificidade da intenção dos jogadores, do local onde se dá, de seus elementos materiais, de quem o ensinou aos participantes, nem da simples observação dos movimentos ou dos conselhos de bem jogar, mas de um conjunto estrito de regras operatórias, assim também o diálogo analítico deve provir de algumas regras constituintes e estruturantes. Transmissão da psicanálise, observação do psiquismo, teorias e escolas, instituições e *setting*, tudo o mais enfim apenas chegará a ser psicanalítico como produto da regra operatória essencial. *No entanto, são esses diferentes elementos derivados de tal regra que tomam o seu lugar, ora um, ora outro, como o fundamento da eficiência da ação terapêutica da Psicanálise. Como processo, constitui-se em um dos paradoxos da análise do analista: o mais virulento, pois é o que se repete e sobre ele não se pensa.*

Freud talvez já o soubesse, raramente ignorava algo de seu domínio, porém decerto não o exprimiu a contento. A idéia de regra fundamental que nos legou – livre associação, atenção flutuante – é a este título muito imprecisa. Diz respeito, mais do que à regra do jogo, se a comparássemos ao jogo de xadrez, à melhor forma de calcular uma jogada – inalcançável, aliás, no xadrez como na psicanálise –, ou seja, movimentos de peça, promoção, mate.

Qual, pois, a *regra da Psicanálise*? A regra essencial pode ser assim enunciada: toda relação humana tem seu sentido determinado por um campo, assim como uma conversa só faz sentido dentro de seu assunto; o Campo Psicanalítico, porém, é um tanto extravagante, é um diálogo cujo campo é sempre outro, diferente do que se cria haver. O analista apreende seu paciente pelo que diz, exatamente pelo dito e ao pé da letra, contudo desrespeita o assunto que este pensava tratar, escuta-o em outro campo. Aqui, neste novo campo, as palavras proferidas perdem sua fixidez, o analisando vê-se com nova representação insuspeitada, é surpreendentemente outro para si próprio. Ao efeito de choque entre os campos chamo *Ruptura de Campo*.

* Conferência de abertura do Ciclo de Conferências Comemorativas do Cinquentenário da Morte de Freud, SBPSP, abril de 1989. O texto original continha trechos que eram apenas indicações de pontos a serem desenvolvidos oralmente. Eles foram transformados em texto escrito e aparecem em itálico. Preâmbulo, notas e edição de Leda Herrmann, julho de 2006.

** Psicanalista da SBPSP e professor da pós-graduação da PUC-SP.

1 O tema da celebração do trauma na repetição do sintoma havia sido tratado já na edição de 1979 do livro sobre o método da Psicanálise, em sua terceira parte, “O campo da cura”. Ver *Andaimes do Real: O Método da Psicanálise* (Casa do Psicólogo, 2001, 3a ed., p. 263-272).

2 “Quem não cria, crê” é a expressão utilizada no artigo “Psicanálise em São Paulo” sobre produção psicanalítica, publicado no suplemento Folhetim do jornal *Folha de S.Paulo*, em 15 de junho de 1986.

3 O recordar como a transformação de celebração em comemoração através da passagem pelo coração da clínica também é tema dos mesmos capítulos mencionados na nota 1.

Decorrencia

A noção de ruptura de campo parece-me tão central para a Psicanálise que, passo a passo, tenho procurado derivar dela toda a operação psicanalítica. A idéia de inconsciente, por exemplo, é revertida sobre si própria. Em vez de pensar o inconsciente como mera propriedade psicológica do ser humano, tenho o abordado pelo avesso. Isto é: como descobrimos aquilo de que diremos depois que “era inconsciente”, como senão por uma ruptura de campo? Logo, o inconsciente psicanalítico, operacionalmente, é um campo-limite, para o qual aponta finalmente toda ruptura de campo. Numa palavra, para não me alongar nesse ponto, que por importante ocupa boa parte de meus escritos,⁴ nosso inconsciente é um produto do método psicanalítico e deve, por conseguinte, guardar as marcas de origem metodológicas que lhe competem. E, tal como para o inconsciente, cada um dos conceitos da Psicanálise pode e deve passar pelo mesmo crivo; mostrar sua origem na ruptura de campo, operada concretamente pela interpretação, e estar sempre metodologicamente adequado à origem. Equivale isso a afirmar que é preciso primeiro conhecer a forma da operação psicanalítica para então definir, acorde a ela, a forma de todo o saber da Psicanálise: se saber deriva da operação, só pode ter a mesma forma e extensão desta, o resto é espúrio, ou pelo menos não psicanalítico, em essência.

Posição: clínica teórica e teoria crítica

Revisando agora as conseqüências desse argumento metodológico, devo admitir que me levou mais longe do que às decorréncias intelectuais estritamente nele implicadas. Como disse, uma *posição*.

A *posição metodológica* frente a *clínica* e a *teoria* é essencialmente a mesma de Freud:

1) Em primeiro lugar, a clínica não é uma aplicação de conhecimento. É o lugar de sua constituição, e é também aquilo que dá sentido ao conhecimento. A clínica não é, portanto, aplicação da teoria: é uma *temperatura*, por assim dizer, onde a teoria se funde e cristaliza novamente. A expressão melhor seria, em termos gerais, o princípio de risco: a teoria usa-se para se perder e recuperar. *O comparecimento da teoria na clínica dá-se pelo interpretante, pela constituição com-*

*pleta do interpretante.*⁵ *Produção de teoria, como Freud, portanto, só se admite aquela em que o interpretante teórico saia modificado. Clínica sem teoria, poderia se dizer, e clínica sem teoria é clínica teórica, só se pode usar o que se criou, mesmo já existindo.* Teoria é o recuo máximo que a clínica pode tomar de si mesma, como num vale entre montanhas: o lugar onde o grito se transforma em eco para ser escutado por quem gritou por socorro, e socorreu-se a si mesmo.⁶

2) Como encarnação primeira do método, a clínica é o lugar onde o método pode ser recuperado, pois é onde se perdeu. A prática clínica dos analistas empobreceu-os e enriqueceu-os, em todos os sentidos. *Pratica-se o método sem o saber, explicando-o por três fetiches: pela teoria, pela técnica, pelo setting. Assim, o método, a ruptura de campo, funciona disfarçado – imagina-se que pela virtude da clínica kleiniana ou lacaniana, imagina-se que pela moldura, emolduração, ou pela técnica.*⁷

3) *Emocionalmente o paciente experimenta formas do desejo, em relação ao analista, cuja posição é a do método. O método em operação desvela auto-representações alternativas do paciente, faz surgirem as possibilidades de sentido que o corpo, como campo irredutível ou último de toda significação, abriga. Esse corpo projeta-se em vestes ou auto-representações intercambiáveis por ruptura de campo.*⁸ *O campo transferencial é a força que leva a trocar de veste-representação. É ele que, abrigando a interpretação, sustenta a expectativa (crucial) do trânsito de uma auto-representação fixa para outra, uma nova auto-representação possível, momento de máxima verdade potencial. Essa paixão metodológica equivocadamente projetada no analista como relação transferencial compreende a ação do campo transferencial nas terapias em geral, e que trato por função terapêutica. Assume, então, o analista a função do therapon, o companheiro do homem em sua humanização.*

*E foi assim, a meu ver, que metodologicamente se posicionou Freud, essencialmente um clínico. É aqui que o reencontramos, na conjugação do gênio com o homem de bom gosto. Sempre exemplifico o homem de bom gosto como o que, ao apreciar uma invenção genial – o vinho –, conseguiu inventar outra que, mesmo não sendo genial, completa a primeira à perfeição – o queijo.*⁹

Projeto político: Freud e o método

Em primeiro lugar, portanto, a eleição do método como forma de ser psicanalista conduziu-me a ser essencialmente um clínico: querendo ser clínicos, acabamos por ser teóricos que não refletem, o método é o caminho para lá (*meta hodós*) do obstáculo teórico. Todavia, a investigação metodológica, levando-me a uma posição, obrigou-me a contemplar também a necessidade do que só saberia chamar de um projeto político.

As descrições habituais da criação da Psicanálise, nos manuais de divulgação, sempre apresentam-na como uma conquista feita por Freud dos espaços escuros de sua própria mente, vencendo resistências titânicas, internas e sociais. Trata-se de visão épica, inequivocamente, que minimiza o paciente trabalho de recomposição conceitual que lhe foi necessário perfazer. Acontece que também o analista vê assim sua iniciação; esta é, de fato, uma conquista original da própria alma; assim como, em cada análise, explora-se originalmente um território indômito, desbrava-se o ir-revelado. Justifica-se a visão épica, por conseguinte. Cada analista sente-se Freud, e com alguma razão. Há dois modos de expressão dessa contingência, um nobre, outro abastardado. O modo nobre de ser Freud começa e termina na clínica analítica; consiste em que cada paciente, cada sessão até, reinventa a Psicanálise, põe em risco todas as teorias empregadas, começa de um zero psíquico, mato cerrado em que se abre a clareira onde habita o homem psicanalítico. Cria-se o homem psicanalítico, quando há um salto para a humanização. Presas do cerco das coisas, isto é, do circuito impulso/satisfação, ainda não somos homem, como bebês ou espécies em vias de humanizar-se.¹⁰ No campo transferencial, o homem aceita pôr em questão sua satisfação, saltando da necessidade ao desejo e ao autoconhecimento do próprio desejo. Por parte do analista é também um *épos*, em que o estado de ruptura das crenças na solidez da identidade e da realidade tem de ser sustentado em equilíbrio precário, para servir seu desejo agora como instrumento sensível à apreensão do sentido do ser psíquico.

E há sua expressão abastardada, que se dá no reino das imagens. As instituições psicanalíticas praticam-na quando ostentam de si uma imagem heróica, enxergando-se como se fora cada qual o primeiro círculo da Psicanálise, a sofrer clamorosa incompreensão e perseguições sociais. Visão insólita é essa, pois nossas *igrejas das catacumbas* estão na verdade circundadas por um meio social que não só admitiu

já a Psicanálise, como tem nela um elevado valor de status. Temos de ser perseguidos, ao preço de nos fazermos perseguir, para sermos Freud outra vez. Também o analista individual vive sua épica freudiana, posando para pequenos grupos de discípulos, como se fora perseguido ele mesmo por causa de suas idéias, sendo bastante duvidoso que sequer as tenha. Exageramos tradicionalmente a dificuldade de conhecer o inconsciente (que por outro lado é incognoscível enquanto tal), sugerindo um caminho muito mais árduo que o por nós percorrido. Exageramos também a dificuldade de comunicar uma sessão analítica, dizemos inefável o contato psíquico, quando justamente é o contato entre as mentes que permite toda e qualquer comunicação humana, escrita ou oral.

Nosso mito fundamental é sermos Freud. Mas Freud não transmitiu uma reflexão metodológica, e sim um exemplo, um estilo, e *é aos estilos peculiares em sua produção que nos apegamos para cumprirmos o mito de sermos Freud. Encontro em seu exaustivo trabalho com os sonhos o exemplo do que estou tratando – ou o estilo prenante –, na idêntica formulação das propriedades ditas do processo psicoprímario aos passos da interpretação dos sonhos, tomados de trás para diante,*¹¹ *estilo que, para mim, nos faz nos ater e repetir as análises dos sonhos de nosso mestre. Freud criou a Psicanálise e transmitiu sua forma de fazer clínico-teórica. E essa forma é que foi tomada como exemplo das grandes psicanálises – seus mestres fizeram o mesmo. Herdamos as maneiras de Lacan, Klein, Bion e, como resultado, em cada uma dessas escolas estabeleceu-se uma identificação com a teoria, ou melhor, com o chavão teórico, emblemático. É surpreendente como o discípulo conhece mal a teoria adotada.*¹²

Logo, o que há é uma relação de *juramento*, assim somos psicanalistas. Hesíodo chama a garantia do juramento de *horkos*, que significa o objeto pelo qual se jura. Na Teogonia, conta Hesíodo¹³ que Zeus encarrega Íris de recolher um pouco da água sagrada do rio Estige, nas paragens do mundo infernal para resolver os litígios entre os deuses. Eles a bebem proferindo um juramento por um *horkos*. *A pena para a mentira nesse ato é uma punição exemplar – permanecer o faltoso imortal um ano em letargia cataléptica como mortal, seguido de nove anos de proscricção do Olimpo sem poder participar dos banquetes de néctar e ambrósia. Pena tão dura e temida pesa sobre os desviantes psicanalíticos como uma sentença imaginária. Imaginária porque a conexão mais forte com a obra de Freud, em vez de se dar com seu método de produção*

4 Cf. a quarta parte, “Há o inconsciente”, de *Andaimes do Real: O Método da Psicanálise*, op. cit., desde sua edição de 1979.

5 Fabio define *interpretante* como o elemento que medeia a transformação de um material discursivo oferecido pelo paciente e a compreensão analítica, permitindo à escuta do analista a apreensão do material do paciente em um nível de elaboração teórica. Ele é a condição de trânsito da técnica para a teoria. Essa noção foi trabalhada no livro *Andaimes do Real: O Método da Psicanálise* desde sua primeira versão. Ver a Segunda Parte, capítulo IX, “Do Interpretante”, e a Terceira Parte, capítulo II, “Teoria e interpretante: o bloco nada maravilhoso” (Casa do Psicólogo, 2001, 3a ed.).

6 Para Fabio, a teoria opera como *interpretante*, fornecendo um eixo para a interpretação e orientando o analista diante dos produtos da ruptura de campo. Por essa condição, ela não pode ser aplicada, cria-se ou é reencontrada em cada momento lógico de ruptura de campo. Ela carrega o risco permanente de se perder, recuperando-se através do interpretante.

7 Este argumento foi posteriormente desenvolvido na introdução preparada para a edição revista e ampliada do livro já citado, *Andaimes do Real: O Método da Psicanálise*, edições de 1992 e 2001.

8 As concepções de *corpo* e *veste* compõem a terceira parte do livro sobre o método da Psicanálise desde sua edição de 1979. Fabio considera *corpo* a matriz simbólica constituinte da mente, e, como tal, é o inconsciente ou desejo. Ele encarna o campo de todas as relações possíveis a um sujeito e precondicionantes de suas experiências. *Veste* é o corpo que se pode conceber e imaginar, isto é, as auto-representações. Como veste, o corpo dói, contempla-se pela visão, é o que o sujeito pode mover e em que encontra satisfação. O desenho do desejo, ou o *corpo*, projeta uma *veste*. É o que o sujeito sabe de si, veste-se, ou representa-se em identidade.

9 O argumento do homem de bom gosto Fabio vai usar, posteriormente, no item 7 do capítulo que abre o livro *O Divã a Passeio: A procura da Psicanálise onde não parece estar*, “Uma breve introdução à Teoria dos Campos”, cuja primeira edição é de 1992 (Casa do Psicólogo, 2001, 2a ed.).

10 Esta concepção do salto, pela *mentira original*, do *cerco das coisas* para a humanização, já fora tratada no trabalho “Do cerco das coisas à realidade do real”, apresentado em 1980 ao VIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, e é tema de um dos capítulos da primeira parte do livro *Andaimes do Real: Psicanálise do Quotidiano*, desde sua versão de 1985, sob o título de “Acerca da mentira e do erro necessário” (Casa do Psicólogo, 2001, 3a ed.).

11 Este argumento foi posteriormente desenvolvido no capítulo III, “Há o inconsciente?”, da quarta parte das edições revistas do livro *Andaimes do Real: O Método da Psicanálise*. Mostra que o caminho percorrido por Freud na interpretação do sonho “A injeção aplicada em Irma” segue no sentido inverso das conclusões a que chega sobre as características do processo psicoprímario. Por exemplo, a conclusão sobre a forma de condensação em que o sonho se mostra ao sonhador é obtida por um procedimento de *descondensação*, quer dizer, Freud lança mão de suas associações sobre o conteúdo do sonho, segmentando-o em várias partes.

12 A esse respeito, era comum Fabio afirmar em conferências e aulas que os pontos de dúvidas do mestre eram os de maior certeza dos discípulos, como aliás o fez no início deste artigo, afirmando: “Quem não cria, crê”.

13 Hesíodo, *Teogonia*. In *Hesiod and Theogonis*, trad. D. Wender, Penguin Classics, 1979 (nota do autor).

de conhecimento e de fazer clínico, passíveis de continuidade, correção e aprimoramento, faz-se por uma espécie de relação entre totalidade, isto é, com a totalidade do que foi teoricamente produzido, ou de algum setor dessa produção escrita. Esse juramento ou validação em bloco é o horkos, a garantia de se ser psicanalista. A conseqüência desastrosa desse horkos destina a cada corrente psicanalítica o benefício da inteira herança freudiana, apesar de contradizer suas co-irmãs, garantidas igualmente pelo mesmo horkos. Mas um problema se põe para Íris no horkos psicanalítico. Não sendo transparente a obra freudiana e penumbrosos seus pressupostos profundos, ela às vezes se confunde por apressada e colhe a água no outro rio infernal, no Letes, ou rio do esquecimento. Nesse caso, o juramento implica o esquecimento da natureza exata da concepção freudiana, e, como a escola inteira bebeu da mesma água, isso não importa muito: o juramento permanece seja pelo horkos das águas estíguas, seja pelo horkos do rio Letes. Assim, jura-se pelas escolas e fica-se prisioneiro. É essa a específica dependência da América Latina e sua libertação está na recuperação da liberdade criativa, na construção do objeto próprio de identificação, imitando a si mesmo criticamente. É o projeto que proponho para a terceira geração de psicanalista – autonomia, circulação livre, crítica das escolas – e que procurei cumprir na minha gestão como presidente da Fepal (1986-1988), daí o temário do congresso latino-americano de São Paulo, e também o temário do internacional de Roma, *Common Ground* (1989). Jurar pelos charutos de Freud, que lhe permitiram pensar e desfizeram-se em cinza, talvez reduzindo-o a cinza também, é o horkos das águas estíguas, o juramento pelo método, tarefa que cumpre nosso destino até a morte.¹⁴ Este é o destino dos grandes pensadores e também dos pequenos, gastar-se no pensamento. Charutos e cigarros...

Sobre o lugar da Psicanálise

Quem segue o caminho do método, que é como dizer o caminho do caminho, não pode, por fim, se furtar à consideração do projeto e da posição que a vocação de sua disciplina convoca. A resposta há de ser um tanto mítica, é claro.¹⁵

Digamos (miticamente?) que a Psicanálise nasce da história das idéias, como um momento da evolução do projeto humano em relação a seu mundo. O homem olha para o céu e para a terra, encontra-os demasiado grandes e longo demais seu tempo, desmedidos ao tamanho humano. Trata então de construir para si uma casa. Que é uma casa? Um espaço demarcado em termos humanos, de nosso tamanho, de nossa duração. Reduzir o mundo à medida humana é a tarefa do conhecimento e da técnica. Estes

evoluem, edifica-se uma casa – um *domus*, mais no espírito romano de ampliação conquistadora da própria casa ao mundo inteiro que no do *oikos* grego da ecologia. Domesticada-se o mundo físico, o espaço social e o indivíduo. No entanto, o homem parece ser vítima de seu sucesso. Construída sua casa na medida humana, domesticados o tempo e o espaço, não se sente o homem em casa, à vontade na casa que construiu. De um lado, do lado da técnica, põe-se a acelerar seu movimento, como o cão que persegue a própria cauda, crendo, com boa razão, que se trata de uma serpente. Pois o motivo da insatisfação de estar-se em casa é simplesmente que a casa humana, a cultura, representa o homem: está feita à imagem de seu desejo, contraditório, paradoxal, insaciável. O homem deseja fundamentalmente bastar-se, ser um consigo mesmo, estando marcado pela nostalgia de um estado que nunca possuiu. Então cria objetos substitutivos da perda de si mesmo, e as coisas humanas tornam-se seres enlutados. Por fim, a própria cultura revela o paradoxo que lhe habita o âmago: ela é o homem real, não sua imagem idealizada. A manifestação desse desencontro intrínseco, o mal-estar na cultura, exige agora um passo a mais, quem sabe o último: exige que se reconstrua o homem na medida humana! Utopias sociológicas ou engenharia genética, por exemplo, tentam contestar o desafio. A psiquiatria também e antes delas. Esta empenhou-se num grande projeto de domesticação do homem, procurando racionalizar seu absurdo fundamental. Os resultados, contudo, nunca foram de monta. A racionalidade pede mais, pede que se compreenda a raiz absoluta do descompasso do desejo humano. E aí surge a Psicanálise. Esta tem por missão cultural explicar os pequenos restos aparentes do absurdo num mundo lógico. Ora, a resposta psicanalítica é dada realmente ao pé da letra; ela parte para o desvendamento do sentido dos mínimos deslizamentos da razão – daí sua racionalidade exacerbada –, concebendo causas inconscientes proporcionais (racionais, de *ratio*, “proporção”) aos efeitos psíquicos de outro modo incompreensíveis; porém, no percurso, por uma ironia tão própria à história do pensamento, desvenda mais que o que se lhe encomendou revelar. Freud cria o método clínico da Psicanálise que, com seu saber transferencial, é demonstração prática da indiferenciação entre realidade e fantasia. Assim a Psicanálise cumpriu absurdamente suas ordens: ao domesticar os restos do absurdo, do descomedimento humano, contribuiu com os acabamentos internos de nossa casa – demonstrando todavia que esta espelha cabalmente a loucura de seu arquiteto-morador.

Desta história a idéia psicanalítica herda sua vocação. Praticada pela psicanálise ou pelas psicoterapias, a idéia psi-

canalítica é um *método*, um caminho, parte do caminho de humanização do homem, que vai da necessidade bruta ao autoconhecimento do desejo. Nessa estrada funciona o método freudiano – através da função terapêutica – como companheiro de percurso, não como guia ou proprietário da companhia de turismo. Freud ou o método da Psicanálise que criou são o *therapon*, o companheiro do homem em sua arriscada aventura de vir a ser humano.

Resumo

Artigo inédito de 1989, apresentado como conferência, por ocasião da comemoração do cinquentenário da morte de Freud. O autor parte da necessidade de recuperar o criador em Freud pelo esquecimento a que a própria obra o relegou, dada a transformação do conjunto dos conceitos fundamentais freudianos em conhecimento adquirido e determinante da prática clínica ou da investigação teórica. Tal recuperação exige recordar a episteme freudiana, resultado da reflexão metodológica que ao mesmo tempo permitiu a produção de sua obra escrita e ficou nela escondida. Em primeiro lugar, expõe o próprio trabalho de vinte anos de investigação do método psicanalítico inventado por Freud, usando o argumento metodológico de “O Campo e a Relação”, de 1969, ou seja, o desvelamento da regra essencial da Psicanálise, a ruptura de campo. Em seguida considera duas das conseqüências advindas da posição metodológica recuperada: 1) a teoria passa a ocupar o lugar de chegada do trabalho clínico, e não mais o de ponto de partida e 2) o desenvolvimento de um projeto político de recuperação da vocação da Psicanálise de instituir-se como *therapon*, “o companheiro do homem em sua arriscada aventura de vir a ser humano”.

Palavras-chave

Episteme freudiana. Método da Psicanálise. Ruptura de campo.

Summary

Freud and the psychoanalytical method

This paper refers to a lecture given in 1989, during the commemoration of the 50th anniversary of Freud's death. The author points out that Freud's written work transformed the set of its fundamental concepts in a finished knowledge that determines either the psychoanalytic clinical practice or the theoretical investigation. Such consequence for Freud's written work leads to the forgetfulness of his creative thinking process that has to be recovered. This recovering implies reminding Freudian episteme, a result of his methodological reflection. First of all the author explains his own twenty years work of research on the Freudian psychoanalytic method, considering the methodological argument of the 1969 paper “Field and Relation”, the unveiling of the essential rule of Psychoanalysis – the field rupture. Then he considers two consequences brought by this methodological position recovered: 1) the psychoanalytic theory is no more the start point of the clinical work; and 2) the need of the development of a political project for the psychoanalytic destiny to turn into a *therapon*, the man companion in his risky adventure of becoming a human being.

Key words

Freudian episteme. Psychoanalytic method. Field rupture.

14 É esse o tema de “Horkos ou ‘Pelos charutos de Freud’”, artigo publicado no suplemento Folhetim, do jornal *Folha de S.Paulo*, em 12 de junho de 1983.

15 Fabio desenvolve essa concepção sobre o projeto e a posição que a vocação da Psicanálise lhe impõe no texto “O momento da Psicanálise”, publicado como artigo em 1980 pela *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. XIV, n^o 2, e como capítulo da primeira parte do livro *Andaimos do Real: Psicanálise do Quotidiano* desde sua primeira edição, em 1985.